



O rei e a rainha da Romania com sua filha a princeza Isabel

(«Cliché» Chusseau-Flaviens).

II série — N.º 550

Assinatura para Portugal, *Trimestre* e 1\$20 ctv.,  
 colonias portuguesas *Semestre*. 2\$40 ..  
 e Hespanha: *Ano* ..... 4\$80 ..

Numero avulso, 10 centavos

## Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 4 de Setembro de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES



# A Flôr de Ouro

Chegou nova remessa da  
**AGUA FLOR DE OURO**

Para tingir e evitar  
a queda do cabelo



A FLOR DE OURO é a melhor de todas as tinturas progressivas; tanto para o cabelo como para a barba, obtindo o «Castanho claro», «Castanho escuro» e «preto». Não mancha a cutis nem suja a roupa; o cabelo conse va-se sempre fino e brilhante como no tempo juvenil. Cura a caspa, evita a queda do cabelo e fortalece as suas raizes. Preço 1\$70. Pelo correio 1\$80.

## CABELO LOURO

Use a *Flôr de Ouro* franceza que é a unica que pinta os cabelos brancos, ficando como fios de ouro, macio e formoso, como no tempo juvenil. Preço 1\$70. Pelo correio 1\$80.

A venda em todas as perfumarias, drogarias e farmacias.

Agente para Portugal e colonias.

**F. L. Mateus**  
RUA DO NORTE, 34, 1.º  
Cabeleireiro

## Museo galante

Colleção secreta de 25 postaes — Unicas. — Pelo correio registrado. — Exige-se segredo. — Enviar 1 escudo em selos do correio a **Mr. SAMBI**

Casier 108 — PARIS

TELEPH. N.º 2638  
**PERFUMARIA ROSA D'OURO**  
COLOSAL SORTIMENTO  
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM N. ALVES  
LISBOA

## DORES DE COSTAS

### PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doencas e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; reumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropsia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacies e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & Co., Succes.**,  
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

Ver na quarta-feira proxima o

## Suplemento de Modas & Bordados (DO SEculo)

Preço: 2 centavos

## Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

## COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de respons. limit.

Ações .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação .....	966.100\$000
Itéis .....	350.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietar'a das fabricas do Prado, Mariana e Sobre rinho (Tomar), Penedo e Casal de Herminio (Lousã), Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instalaadas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Ennereço telegrafico em Lisboa e Porto  
Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 005—Porto, 117.

## Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, rue du Faubourg, Montmartré

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades.

## Para encadernar a ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A venda artisticas e elegantes capas em percalina para cada semestre ao

Preço 400 réis

Remetem-se pelo correio a quem enviar a importancia em ordens postaes ou vale do correio

Procede-se tambem ao trabalho de encadernação devendo para isso ser enviada alem da coleção e do custo da capa, 240 réis para o empaste e 100 réis para o transporte depois de pronta.

Administração do SEculo  
Rua do Seculo, 43—LISBOA

# CHA HORNIMAN

## EM PACOTES

### UM SEculo DE EXITO UNIVERSAL





**Artistas na miseria**

Comoveu-se imensamente o publico com a noticia de que o pintor Girão e o poeta Gomes Leal, velhos, inutilizados, no fim da vida, se encontram na miseria.

Subscrições, donativos, pensões, alviores varios para obter dinheiro, multiplicam-se, de modo a resgatar um alheamento que muito se parece com um delicto. Já lá vai o tempo em que se dizia: «E' um poeta» depreciativamente e em que muita gente que se tinha por conspicua confundia, como o capitão-mór da *Morgadinha de Valsflór*, um pintor de quadros com um borrador de taboetas; mas ainda hoje

são raras as pessoas que apreciam os artistas como eles devem ser apreciados, que lhes avaliem a influencia como elementos sociaes, que liguem o verdadeiro sentido ás palavras «pintor», «poeta», «musicos», «escultor»...

Quando consta que o artista está morrendo de fome, então sim: o sentimentalismo nacional, que sendo um dos nossos defeitos é tambem uma das nossas grandes qualidades, desperta rapidamente e procura-se, até o exagero, remediar a desgraça, que muito melhor teria sido evitar. Emfim, mais vale tarde do que nunca, e oxalá o caso de agora sirva de exemplo e ao menos os poderes publicos, já que os particulares podem alegar, com razão, igno-

rancia, não continuem a tirar o pão ao artista que o ganha com o seu trabalho, pretextando rigores da lei, como se a suprema lei não fôsse a salvação do povo, e, com mais forte motivo, a dos que o engrandecem.



**A jornada da Batalha**

O comicio patriótico da Batalha, presidido pelo sr. Antonio José de Almeida e no qual este e outros eminentes politicos explicaram ao povo a necessidade da nossa presença nas linhas de combate, foi um enorme triunfo para o governo e para esse mesmo povo. Julgou-se necessario, parece, palpitar de perto a opinião publica, cujos ecos não podem chegar com sufficiente nitidez aos ouvidos de quem está alto, pelas fataes deturpações dos meios de transmissão, uns demasiadamente bons condutores do som, outros refratarios á comunicação; e o resultado — foi digamo-lo francamente — inesperado.

Os de maior confiança nos sentimentos patrióticos do paiz, no fundo talvez duvidassem; os cegos de entendimento, pela obsessão de que facilmente acreditamos o que queremos, tinham como certo o retraimento, ou, mais ainda, a reprovação, que seria duramente exteriorisada.

O comicio teve o condão de dissipar todas as duvidas, de esclarecer os menos accessiveis á luz. A viagem até á Batalha, o que ali se passou diante do glorioso mosteiro, o clamor unisono d'um auditorio ainda não perturbado pelas desorientações d'uma politica que esse nome não merece, vitoriando os oradores, proclamando a intervenção na guerra como o unico caminho a seguir com honra, falaram claro e tão vibrantemente que se dispensariam novas contraprovas.

Dissolvida a multidão, aqueles homens simples voltaram satisfeitos aos seus lares humildes, não como quem recebe uma lição, mas como quem ouviu expressar, finalmente, o que sempre sentiu no intimo d'alma, embora o não soubesse traduzir por palavras.

**Nomes de ruas**

A Camara Municipal de Lisboa tinha resolvido, em homenagem á Inglaterra, dar o nome de lord Byron a uma das ruas da capital, mas depois d'algumas observações feitas na imprensa periodica, reconsiderou e substituiu-o pelo de Newton. Essas observações baseavam-se no facto de lord Byron ter tratado os portuguezes com desprimor, provavelmente como desforra d'uma bem aplicada sova que certo marido ou amante lhe applicou com irreverencia e sem o minimo respeito pelo seu famoso talento.

E' de louvar a confissão do erro e o pronto remedio, embora, como tambem na mesma imprensa se acentua, fosse preferivel escolher, em vez de Newton, nome de personagem ingleza mais intimamente ligada á nossa historia.

Seja, porém, como fôr, o episodio teve a vantagem de obrigar os representantes dos municipes a mais cautela de futuro, antes de se pronunciar sobre estes e outros assuntos, e demonstrar o valor e o prestigio da imprensa, ensinando e impondo-se pela sensatez.



**Bibliotecas provinciaes**

Criou-se agora em Leiria um arquivo distrital, o primeiro que se cria no paiz, anexo a uma biblioteca erudita, repositorio curiosissimo de raridades que a linda cidade de Rodrigues Lobo não deixará afastar, graças á boa vontade do sr. inspetor das bibliotecas, aos esforços intelligentes d'uma comissão municipal que tem a inteira compreensão do que á sua cidade convem e, ao afincado trabalho d'um cidadão benemerito, o sr. Tito Larcher, que viu realiado o seu ideal de muitos anos: esta contribuição para o lustre d'uma terra que não é a sua mas que adotou por simpatia e á qual ofereceu tudo o que possuia mais valioso — os tesouros d'um espirito culto e a sua rica biblioteca particular.

Nunca o desanimou abateu este lutador, ainda quando via as suas desinteressadas propostas recebidas com indiferença. N'uma visita que em tempos fizemos a Leiria, a cidadessinha amada onde nascemos, Tito Larcher contou-nos, perante milhares de volumes preciosos, que conseguira reunir do paço episcopal, do seminario, de conventos e de outras origens, os atritos que a cada passo se opunham ao seu desejo de que se fundasse ali uma biblioteca erudita e um arquivo distrital. E folheámos livros veneraveis, cohecendo que vinha de longe o pouco apreço dos homens, pois que alguns, pertencentes ao seminario, acusavam falta de folhas, aproveitadas pelos antigos seminaristas quem sabe para que fim, e n'outras o pergaminho tinha sido aparado á tesoura. Quando pessoas oficialmente illustradas assim haviam procedido, convivendo a toda a hora com livros, que se poderia esperar de quem não tinha o dever de os amar?

Adivinhamos a alegria de Tito Larcher n'esta hora de triunfo. Foi ele, como era natural, o escolhido para bibliotecario, prestando-se a desempenhar esse logar sem encargo para o municipio mem para o Estado. Esta isenção dá bem a medida do seu caracter.

ACACIO DE PAIVA.

(Illustrações de STUART CARVALHAES).



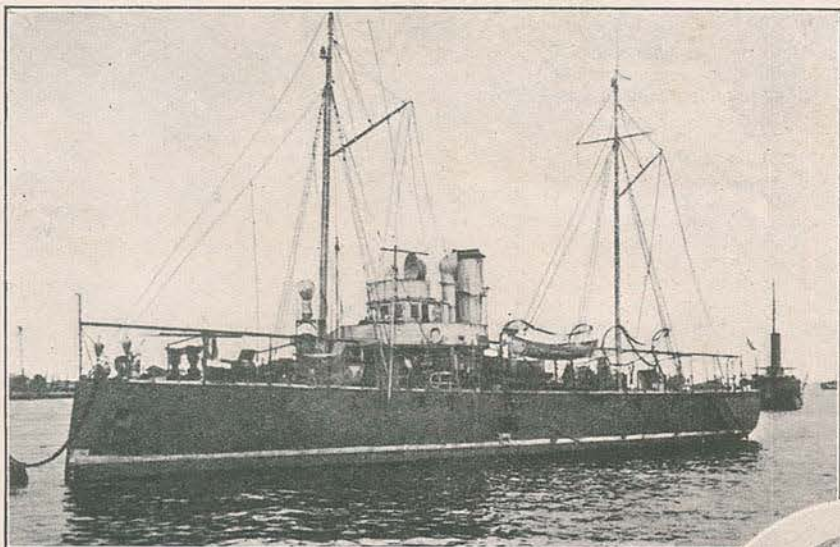
# PORTUGAL NA GUERRA

A Alemanha começou já por mar os seus ataques contra nós. Um submarino seu atacou a nossa canhoneira *Ibo* a 60 milhas da costa de Portugal, no dia 24 d'agosto ás 22 horas,

O imediato da *Ibo* é o 2.º tenente sr. Owen Pinto, oficial também muito valoroso que tanto se distinguiu na campanha dos Cuamatas; os officiaes maquinistas os srs. Guilherme dos Santos e Abel da Costa

Lazaro, e a sua tripulação é composta de 65 homens.

Os marinhos portugueses foram vivamente felicitados e o facto constituiu justo motivo de alegria para todo o paiz. O sr. presidente da Republica e o go-



A canhoneira *Ibo*

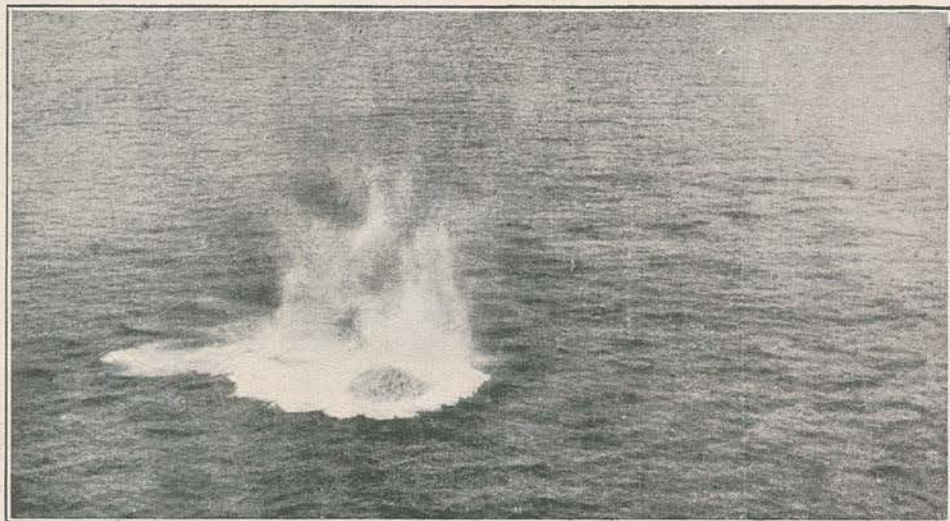
passando-lhe o torpedo a uns 20 metros da proa.

Então o comandante da *Ibo*, o 1.º tenente sr. Henrique Monteiro Correia da Silva, official tão valente como ilustrado, filho do grande almirante portuguez, conde de Paço d'Arcos, mandou perseguir o submarino, fazendo fogo sobre ele até que desapareceu, continuando a canhoneira a sua viagem sem outro incidente.

verno teem recebido muitos telegramas de felicitação com as mais elogiosas referencias á nossa marinha.



Tenente Henrique Correia da Silva, comandante da *Ibo*



A explosão de um torpedo lançado por um submarino



## OS PORTUGUEZES EM KIONGA

Já a «Ilustração Portuguesa» registou com estusiasmo nas suas paginas o feito heroico dos portugueses tomando Kionga, inicio glorioso da nossa campanha contra os alemães na costa oriental da Africa. Kionga, ha 22 anos em poder dos alemães, mercê de um ato inesperado da força brutal, voltou a ser nossa mercê de um desagravo brilhante do ultrage. As nossas tropas expedicionarias, sob o comando do valente oficial sr. Moura Mendes, ocuparam toda a povoação e arredores, que constituem uma bela base de operações.

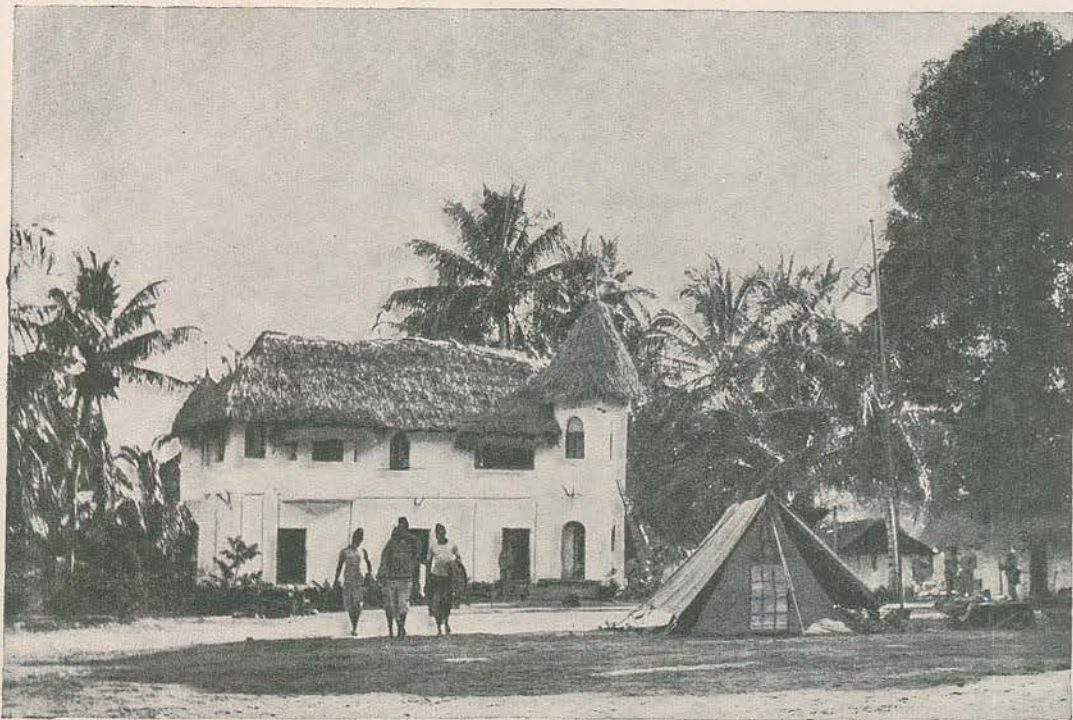
O artigo que então publicámos sobre a vitoria



O comandante da expedição, tenente coronel sr. Moura Mendes, no seu gabinete de trabalho em Porto Amella.

portuguesa não pôde ser ilustrado convenientemente porque nada havia de Kionga, nem o mais simples aspecto, em Lisboa, quer antes quer depois da occupação dos alemães. Calculamos, pois, como serão apreciados os «clichés» que expressamente tirou para a «Ilustração Portuguesa», logo após a entrada das tropas portuguezas, o distinto fotografo amator, sr. Joaquim Fernandes,

valoroso 2.º sargento da companhia de saude, pertencente ás forças expedicionarias. Não os podemos publicar todos n'este numero, porque nos falta espaço, reservando, pois, alguns dos mais interessantes para o proximo numero.



Casa onde estava instalada a administração de Kionga no tempo do governo alemão, vendo-se á frente a barraca do governador sr. Alvaro de Castro, quando all esteve.



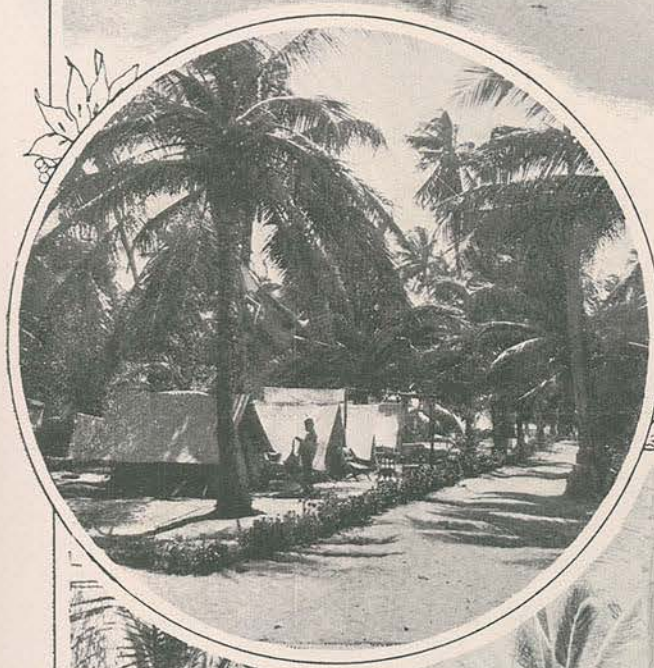
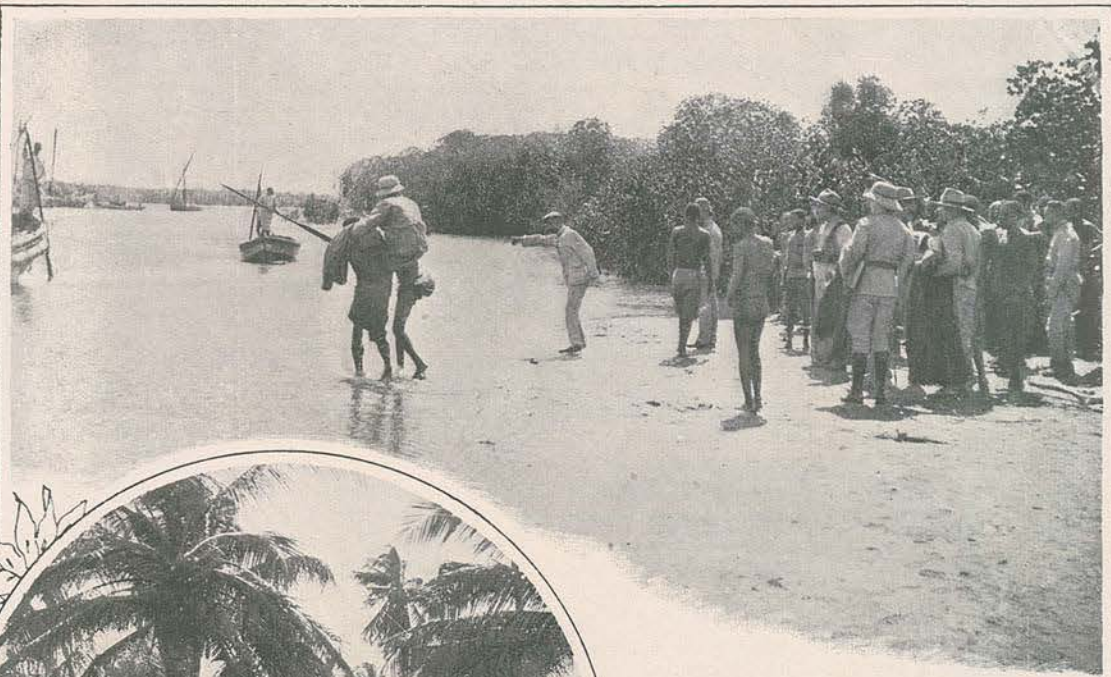


*Kionga:* — Uma das avenidas onde estão instalados os serviços administrativos e aquartelamento das forças portuguesas.

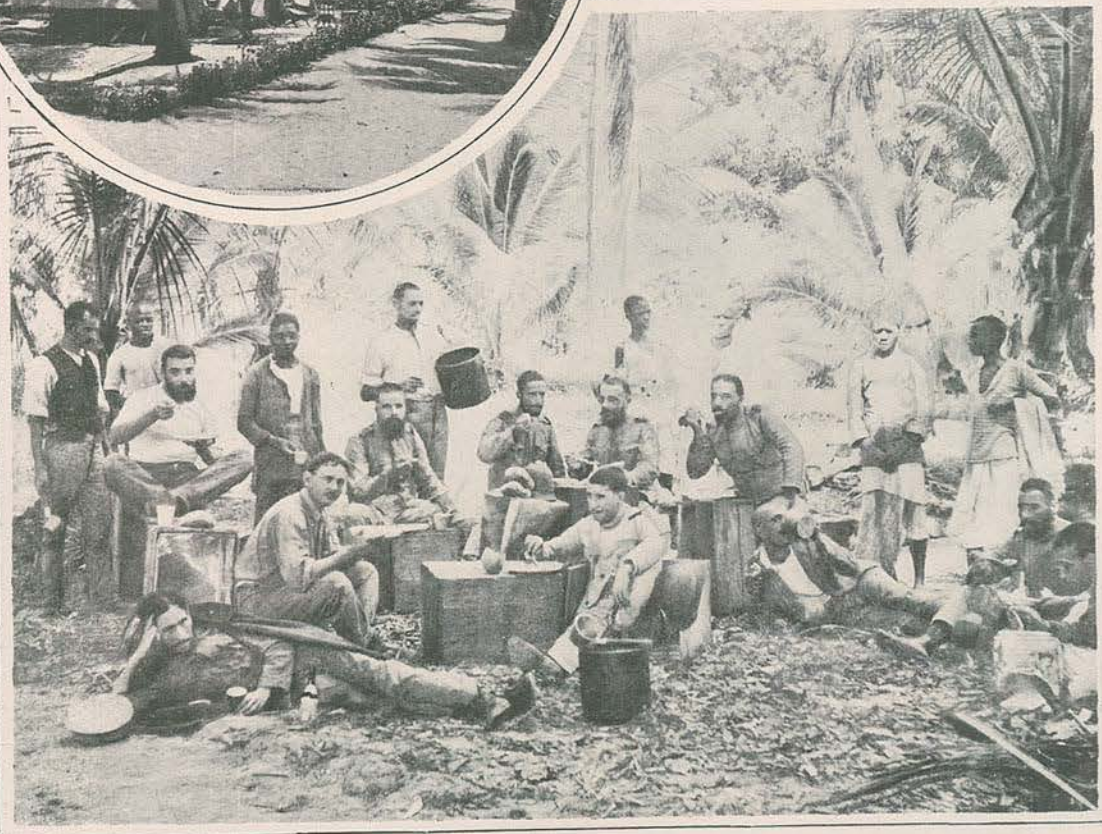


*Em Kionga:* — O governador geral da provincia, dr. Alvaro de Castro X acompanhado dos seus ajudantes, comandante da guarda republicana de Lourenço Marques, do chefe dos serviços de saúde da expedição, capitão-médico Jaime Ribeiro, tenente medico Pinto Coelho, major de infantaria Costa Campos, tenente Paulo Rego, intendente do governo no Ibo. Por detraz do governador vê-se o indígena Mossimba e a sua tribo, que bastantes serviços tem prestado á expedição.





*Kionga*.—1. O governador sr. Alvaro de Castro às costas de uns pretos para embarcar n'uma lanchar que segula para Namoto (margem do Rovuma) na vespera do combate de 27 de maio.—2. A avenida em que está bivacado o quartel general.



*Kionga*.—O pittoresco refectorio dos sargentos, que estão tomando a primeira refeição da manhã (Clichés do distinto fotografo amador, sargento Joaquim Fernandes).



# Mulheres de Veneza

(Resposta á carta do meu amigo X...)



Paris, 1 d'agosto.  
Meu amigo: Você tinha sem duvida razão em querer ir á Italia e eu felicito-o pelas impressões tão consoladoras que essa visita lhe deixou. De resto, a gente tem sempre razão em querer rever a Italia quando de lá se chegou com os olhos cheios de um inconfundível encanto e o coração sofrendo uma doce, infinita, melancolica saudade. Eu voltaria lá

agora, se pudesse. E voltaria mesmo que me assegurassem que lhe não tinha dado a guerra essa nova vida que você lhe descobriu.

Oh, bem decerto seria delicioso poder atravessar toda a terra de Rafael, de Ticiano e do Veroneso sem encontrar uma caravana do Cook ou alguns d'esses bichos cõr de fiambre, de pelo ruivo, que emigram da Prussia, de Saxe ou da Baviera e que tão grande repugnancia lhe inspiram a você como a mim. Mas quando eles lá andam, a gente esforça-se por os não vê e acaba afinal por conseguil-o. O nosso espirito perde-se em doces evocações. Tudo nol-as sugere: as obras d'arte que contemplamos, a natureza que nos cerca, a propria lingua d'harmonia que aos nossos ouvidos canta.

Você fala-me da Veneza d'hoje. Essa expressão não é exata, eu creio mesmo que a unica cidade do mundo a que ela se não pôde aplicar é precisamente Veneza. Não ha uma Veneza de hoje: ha a Veneza eterna e eternamente bela. Quando a conhecemos, a noção do tempo desaparece do nosso entendimento; o passado funde-se com o presente; e todos os secu-

los d'esse passado se refletem n'uma miragem que os nossos olhos sofregos contemplam sobre essas aguas negras, entre palacios que nos contam lendas, misterios e amores.

Por quem espera essa gondola junto dos degraus de pedra d'um *palazzo*? por Bianca Capello, pela Franceschina, por Perinia Ricia, artistas ou cortezãs? por Catarina Cornaro, por Helena Borozza, Violente Provana, grandes damas? por uma das faustosas senhoras que faziam a cõrte do Aretino? ou pela mulher de genio que inspirará o egoismo incomparavel de *Il Fuoco*? Todas nos parecem perto de nós, vivendo n'esse cenario de sonho a mais maravilhosa das vidas, longe do mundo, atravez dos seculos d'uma Historia que as não interessa.

Essa mulher do povo que passa, envolta no seu chale classico, com a nobre *allure* que tem

todas as filhas de Veneza, vae talvez para o *atelier* do Veroneso, que iluminará sobre uma tela imortal os seus cabelos d'oiro. N'aquela outra eu julgo reconhecer a cabecita doidivana d'um dos anjos libertinos com que Tiepolo profanou o teto de uma igreja. E penso n'essas deliciosas loiras de Veneza



As andorinhas de Veneza (quadro de Franc Lamy)

za que Nicolo Franco, no seu *Diálogo dove si ragiona delle Bellezze* chamava «cisnes brancos, virgens aladas, que seriam belas mesmo no paraizo.» E penso na mecha de cabelos loiros que Lucrecia Borgia enviou ao cardeal Bembo e que lord Byron tanto admirou ao vê-la na Ambrosiana de Milão.

Você, homem moderno, um todo-nada



cetico, vae dizer-me que esse loiro celebre vinha menos da natureza que da drogaria, que as venezianas



«après diner il eut la colique qui lui dura deux ou trois heures, et, après souper, il rendit deux grosses pier-



eram e são, na sua grande maioria, morenas, e que, se o Ticiano e os outros as viram loiras, é porque, já n'esse tempo, antes de saírem para a rua, elas punham em practica a receita *I capilli come biondi si faccio* reproduzidas por Marinello nos *Ornamenti delle Donne tratti dalle scritture d'una reina Græci* ou as outras *Del modo di fare biondi i capilli* que figuram no *Compendio de secreti raz'onali intorno alla medicina, chirurgica e alchimia dell'Ecc.º dott. e cavaliere Marco L. Fioraventi*.

Mas isso são, convença-se o meu amigo, maldosas calunias de eruditos. E depende ás vezes de tão pouco, perante a posteridade, a reputação de beleza d'uma linda terra ou d'uma linda mulher!

Assim, um dos grandes homens de letras que sofreu uma desilusão vendo Veneza foi Montaigne. Ele imaginara-a superior, talvez mesmo muito superior, áquilo que de facto viu. Ele o dá a entender nos seus apontamentos de viagem, *Journal du voyage de Montaigne en Italie par la Suisse et l'Allemagne en 1580 et 1581*. Mas uma certa terça-feira, segundo esse diario

res, l'une après l'autre...» «Il n'y trouva pas cette fameuse beauté qu'on attribue aux dames de Venise»—diz ainda o diario. E que póde de resto achar bonito um desgraçado com duas grossas pedras a rasgar-lhe os uretères?...

...A sua carta, data-da de Veneza, fez-me pensar, meu amigo, em tudo isso: na Bianca Cappello, no Aretino, no sr. d'Annunzio, em Ticiano, em Tiepolo, em Veroneso, na Veneza divina de todos os tempos, nos cabelos loiros das suas mulheres, e na formosura d'elas que as duas infortunadas pedras de Montaigne o fizeram tão injustamente apreciar... Você fala-me da Veneza de guerra. Penso que ela deve ser de facto admiravel. Mas eu que a não

conheço, fico-me ainda a pensar n'aquela onde, sem medo das bombas austriacas, outr'ora os namorados iam perguntar ás sombras errantes dos grandes mortos o eterno segredo do eterno amor.

E até á vista!

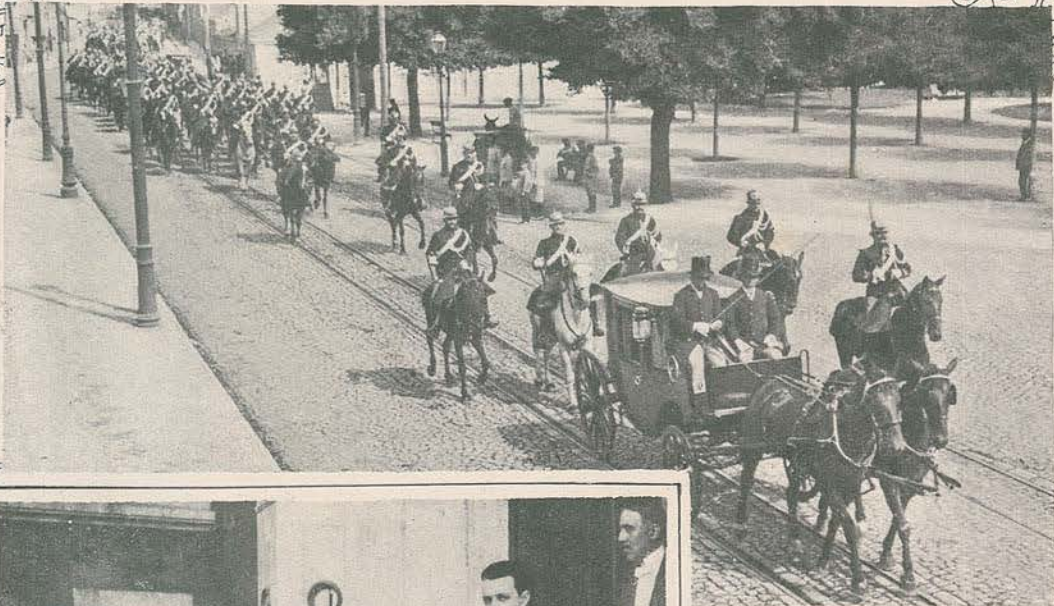


Muito seu

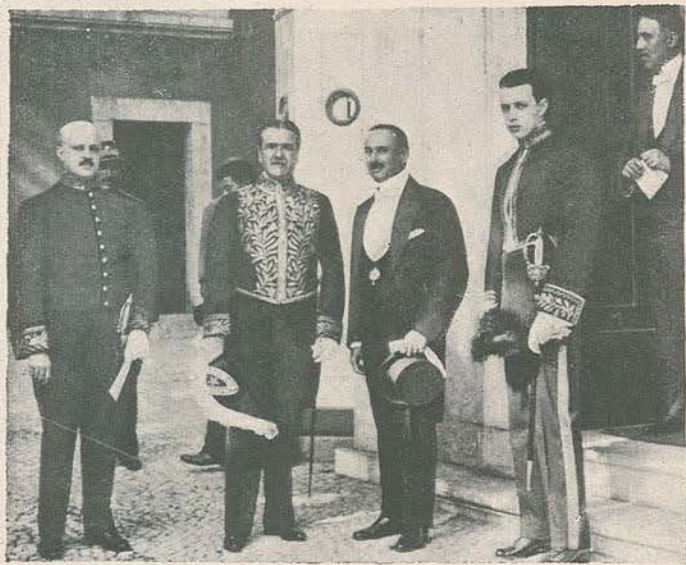
Paulo Osorio.



# NOVO EMBAIXADOR DO BRAZIL



A chegada ao palacio de Belem



O embaixador do Brazil, sr. dr. Gastão da Cunha, com os seus secretarios depois da entrega das credenciaes

Já a «Ilustração Portuguesa» prestou no seu numero anterior uma sincera homenagem de alta consideração ao sr. dr. Gastão da Cunha, pelas suas brilhantes qualidades de estadista e pela simpatia que consagrava ao nosso paiz. A troca de cumprimentos, por ocasião da entrega das credenciaes, do illustre embaixador do Brazil em Lisboa ao sr. Presidente da Republica, foi tão afetuosa e tão cheia de sinceridade que deixou a todos a impressão de que os dois paizes irmãos nunca tiveram epoca de relações tão cordeaes.



A guarda republicana fazendo a continencia ao novo embaixador do Brazil sr. dr. Gastão da Cunha a saída do palacio de Belem. —(Cliches Benoitel).



# AS FESTAS NA REGUA



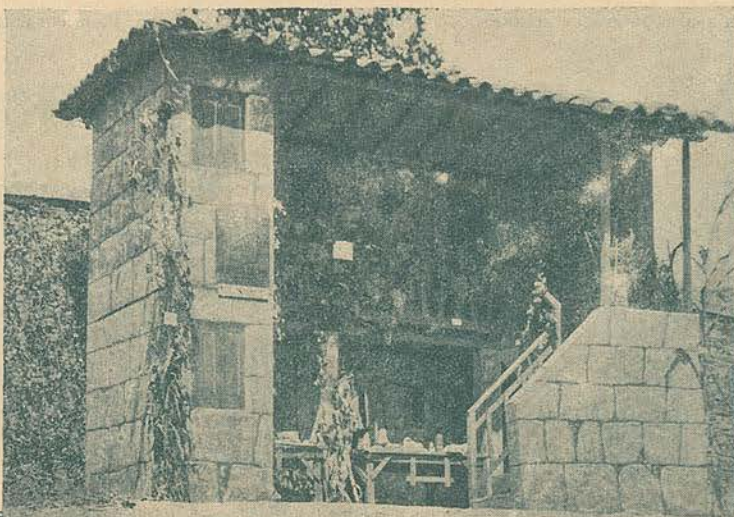
O sr. ministro do trabalho, acompanhado do sr. dr. Antão de Carvalho, saindo da estação do caminho de ferro da Regua, onde foi assistir às festas como representante do sr. Presidente da Republica.

A Regua, mais uma vez, deu uma prova brilhante do seu arrojado trabalho e do amor com que se dedica á cultura do seu belo e fertilissimo solo. As suas festas anuaes, realizadas em meado d'este mez, ficam, por todos os motivos, memoraveis. O sr. ministro do trabalho, representando tambem o sr. presidente da Republica, que por motivo de força maior não pôde ir assim como o sr. ministro do fomento, teve uma recepção carinhosa. Acompanharam-no muitos funcionarios superiores dos dois ministerios, que participaram do entusiastico acolhimento, sendo todos unanimes em louvar o nobre esforço dos regoenses e a patriótica e intelligente iniciativa do sr. dr. Bernardino Zagalo, o intemerato e incansavel propugnador dos interesses da região duriense. A exposi-

ção de frutas foi talvez mais importante que a dos anos anteriores, tanto pelo que respeita a particulares como ás estações officiaes. A todos deixou as melhores impressões esse admiravel certamen. Os srs. Moreira da Silva & Filhos, os ativos e conscienciosos horticultores portuenses, para os quaes a pomicultura e a floricultura não tem segredos para obterem os seus mais formosos productos, tambem ali concorreram com uma vasta e



Instalação dos srs. Moreira da Silva & Filhos do Porto, onde estiveram expostas magnificas frutas e plantas dos seus vastos viveiros.

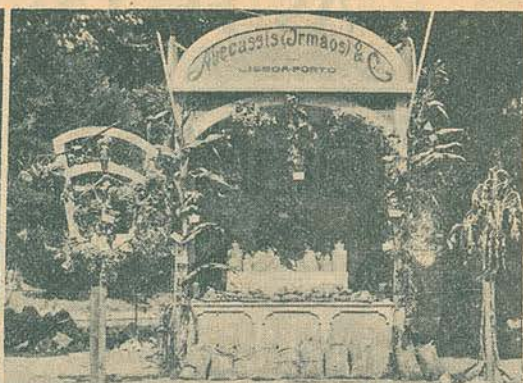


Interessante instalação da casa Artur A. Gaspar, onde estiveram expostos adubos quimicos.

variada instalação de frutas, e tiveram a alta recompensa de uma medalha de ouro, a unica que se concedeu a expositores de fóra da região.

Pena é que o exemplo da Regua não se estenda a muitas outras terras do paiz, para as quaes estas festas deviam constituir um poderoso estímulo para o desenvolvimento agricola do paiz.

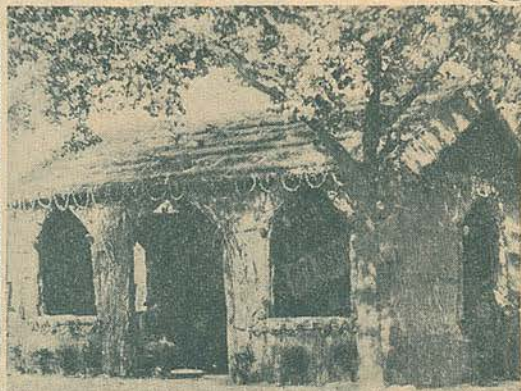
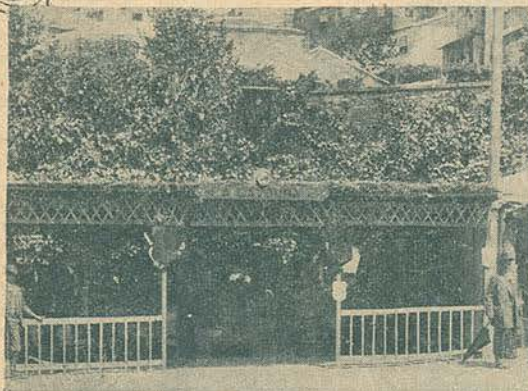




1. Pavilhão de trabalhos enológicos do sr. Caetano de Souza, engenheiro agrônomo. — 2. Pavilhão da casa Alecassis Irmãos & C.ª, onde estiveram expostos adubos químicos e produtos criados pelos mesmos adubos.



Um aspeto da grande manifestação feita ao sr. ministro do trabalho, á sua chegada á Camara Municipal



4. Instalação da casa de maquinas agricolas de Famalicao A Lavoura.—5. Pavilhão Agrario de Mirandela.  
(Clichês do distinto fotografo amator, sr. Antolao Teixeira).



# O VELHO MUNDO EM GUERRA

Negam os germanofilos que a Alemanha esteja ha muito a recorrer a contingentes formados por menores para os atirar em massa para a frente da batalha, de mistura com homens de idade superior a 50 anos. A mais obvia e irrefragavel prova de que essa afirmação é verdadeira está nas fotografias que se tiram dos prisioneiros em movimento, ou internados nos respectivos campos.

Até se vêem n'elas rapazes de 15 e 16 anos quando muito, umas verdadeiras creanças que se arrancam ás escolas para se sacrificarem deshumanamente á mais feroz das ambições. Esses desgraçados que não compreendem que não estão em idade de compreender, o que seja disciplina nem o fim a que os imolam, parecem suspirar por verem-se

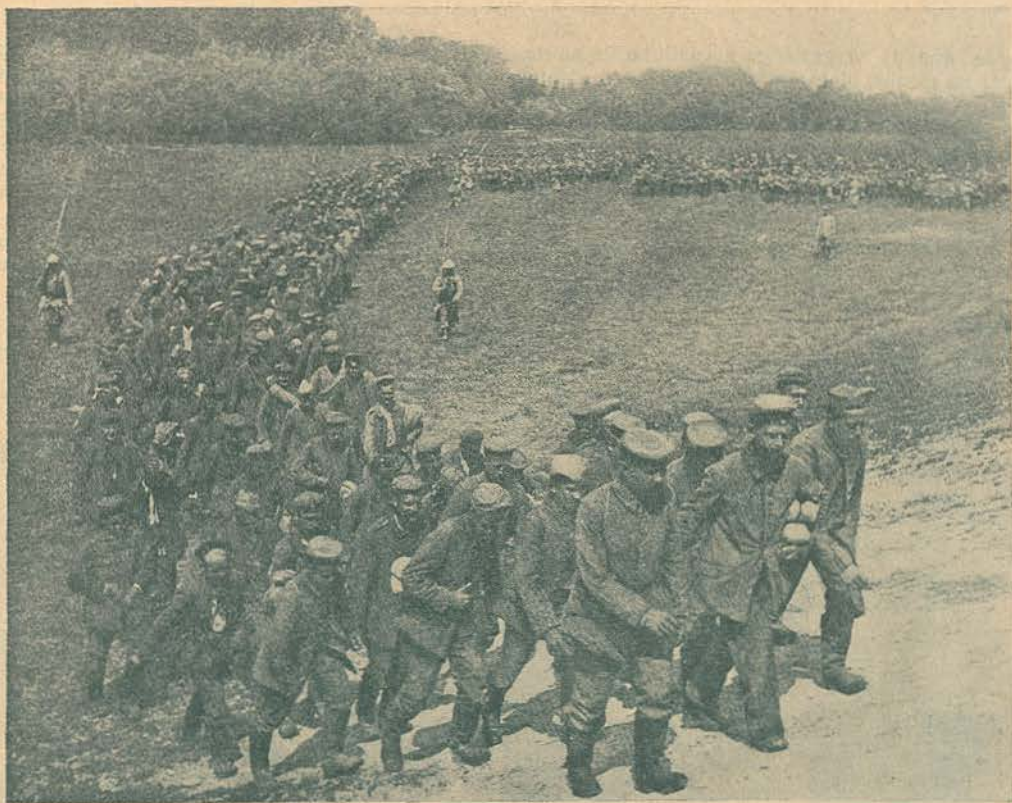
prisioneiros, como o termo mais favoravel dos seus trabalhos. A unica consciencia que eles tem é a que, por mais que combatam, por mais que resistam, nunca chegarão ao descanso trazido pela vitoria.

Alguns mostram-se mesmo radiantes em poder do vencedor. De certo que não haverá desapontamento maior para a orgulhosa Alemanha do que ver tão inludivelmente estampada a alegria dos seus soldados caídos nas mãos dos inglezes e dos francezes.

Quando ela os supõe ardendo na ancia da vingança e da liberdade, exorando o Deus das vitorias pelo triunfo, cada vez menos provavel das hordas do Kaiser, eles passam a vida a rir, como quem se viu livre do chicote e do azor-



Prisioneiros alemães resignados com a sua sorte



Uma grande leva de prisioneiros alemães

(Clôchês da secção fotografica do exercito francez).





Prisioneiros austriacos feitos pelos Italianos sobre o Carso

rague que os vergastavam a caminho da morte. Nem ao menos, defronte das objetivas dos fotografos, isto é, com a certeza de que mais cedo ou mais tarde as suas caras radiantes de alegria e os seus modos desenvoltos hão de chegar ao seu paiz, talvez a horas em que o torture a mais dura das humilhações, eles são capazes de disfarçar um pouco, por decoro proprio.

Aos prisioneiros austriacos acontece o mesmo. Exaustos de combater, famintos, completamente desenganados da vitoria, não ocultam tambem o

alivio que sentem ao entregarem as armas e poderem repousar um pouco. Essas enormes levas de prisioneiros feitos pelos italianos e pelos russos, chegados aos campos onde são internados, deixam-se cair prostrados no chão, por muitas horas, n'um sono profundo. Dir-se-hia á primeira vista, ao ver-lhes os corpos inertes, servido de uns aos outros de cabeçal, os membros lassos e ao abandono, que era um campo de batalha coalhado de mortos. E quantas centenas de milhares, não estão inutilizados n'esta paralisação forçada!



O castelo de Gorizia, tomado pelos Italianos



Os restos de um aeroplano alemão abatido na linha occidental.



## A ROMANIA DECLARA GUERRA Á AUSTRIA



João J. C. Brantano, presidente do conselho de ministros da Romania.



O rei Fernando da Romania



Nicolau Fillespesco, partidario entusiasta da intervenção da Romania na guerra a favor dos aliados.

Afinal, a Romania sempre se resolveu a quebrar uma neutralidade, já difícil de manter e que ha muito, inspirada nos seus proprios interesses e nos grandes principios da liberdade e do direito internacional, devia ter quebrado. Mais umas semanas d'essa indecisão podiam ser-lhe dolorosas como tem acontecido á Grecia. E' possivel mesmo que ainda agora abreviasse essa resolução a declaração de guerra da Italia á Alemanha.

Seja como fôr, o facto é que a Romania declarando guerra á Austria, os imperios centraes teem contra eles um adversario, cuja neutralidade favoravel constituiu sempre o objeto das maiores diligencias da Alemanha. A sua extensa linha de fronteiras com Austria-Hungria e os seus 600 mil homens que ela tem em pé de guerra bem armados e adextra, los, cheios de vida e ardentes de combater são elemen-

tos que vão certamente pesar muito para a solução do conflito no oriente. Depois, o efeito moral da Romania se enfileirar com os aliados, recalçando fortes laços de sangue e de amizade, veiu dar maior relevo á causa dos principios porque se combate. E' indispensavel que a Europa saia d'este conflito, expungida da barbaria e do predominio de castas, que foram sempre e ameaçavam continuar a ser a causa das suas mais graves perturbações.

O embaixador alemão ainda apelou com as lagrimas nos olhos para os sentimentos da familia do rei Fernando. Seria o maior desaire os Hohenzolern combaterem-se, trucidarem-se uns aos outros; mas o monarcha, acima de tudo, colocou os seus deveres de rei constitucional, as aspirações e interesses legitimos do seu povo, que ha muito se pronuncia pela grande causa da liberdade.



Grupo de officiaes romenos discutindo sobre a mobilisação.—(Cliché C. Dellus).



## Um fogo no Pinhal de Leiria

O fogo extinguiu-se dois dias antes. Que pena não ter passado por ali n'aquella ocasião! Devia ser um espectáculo assombroso! Parecia que o chão ainda escaldava debaixo dos pés e que no ar mal se dissipavam os últimos novelos de fumo e de cinzas.

Trepei ao alto de uma duna fixada e convertida pelo precioso trabalho dos pinheiros n'um monte sólido e fértil. Era simplesmente desolador! Estendia-se diante de mim, a perder de vista, um trato de muitos hectares de pinhal novo, com as suas ramas torrificadas, mas ainda aderentes pela sua resistência excepcional. Ao de cima d'essa extensa massa carbonisada erguiam-se tristonhos, aqui e além, os pinheiros velhos, de cuja semente haviam nascido os outros. Apesar de uma altura de 20 metros e mais, as suas comas haviam sido alcançadas pelas labaredas! Mortas e bem mortas, aquelas gigantes sentinelas das dunas! Recordavam as heroicas sentinelas de Pompeia, surpreendidas e incineradas nos seus postos pela lava do Vesúvio, conservadas com a mesma fórma e na mesma atitude, através de séculos, ao abrigo das abobadas sob que ficaram sepultadas. Desfizeram-se com a primeira lufada de ar fresco que lhes trouxeram as escavações dos arqueólogos. Também os primeiros sopros asperos



1. A caruma dos pinheiros grandes, de troncos enfarruscados pelo fogo, esfarela-se, requémada, sobre quem contempla tão angustioso quadro—2. Uma enorme massa florestal, com ramas e troncos tostados, estende-se nos desoladamente diante dos olhos a perder de vista





Na fotografia a uma côr. ainda parece que ha vida nos pinheiros á direita d'este acêlro; mas todos eles estão feridos de morte, e bem feridos.



Ribeiro de S. Pedro de Muel, d'onde centenas de mulheres se occupavam em trazer agua aos cantaros para apagar a sede ardente aos que apagavam o fogo.

do outono hão de reduzir ás linhas hirtas e falhadas do seu esqueleto tantos milhares de arvores, ha poucas horas ainda tão verdes e orgulhosas do seu porte, se antes d'isso o machado do lenheiro não fizer desaparecer a obra infame do incendiario.

Que dôr d'aima vêr tanta floresta destruida n'uma epoca tão angustiosamente falha de madeira e de lenha! Aquelle crime enormissimo nem parece ter sido cometido por portuguezes contra a sua propria terra, contra a sua propria vida e a da sua familia; porque, devorado pelo fogo o Pinhal de Leiria, essa magestosa floresta de 25 kilometros por 9, deixou de ter razão a existencia de todos os povos que vivem á sua sombra saudavel e hospitaleira.

E como essa dôr se reflectia nos olhos e nas palavras de um pobre ve-

lho, que ainda hoje é dos primeiros a acudir aos fogos do Pinhal, que lhe doem, que o afligem, como se se tratasse da sua casinha em chamas! Não tinha memoria de outro em semelhantes circumstancias. Sempre foram 150 hectares, ou seja um milhão e quinhentos mil metros quadrados de pinhal, novo e velho, absolutamente perdidos. As chamas rebentaram em tres pontos ao mesmo tempo. Tocadas pelo vento e alimentadas pelo mato miudo e pela caruma secca que cobriam o solo, não tardaram a cruzar-se n'um grande mar de fogo. Uma coisa sublimemente horrivel!

Buzinas, apitos, toques de sino, gritaria, alvoroçaram as povoações e as vizinhas, das quaes a principal é a vila da Mariinha Grande. Nas fabricas, nos campos, em casa, não ficou ninguém. Todos mumidos, de



A marcha do fogo, impellido pelo vento, era tão assombrosa que ele galgou acêlros de mais de 10 metros de largura, devorando tudo de um lado e outro



enxadas, machados, pás, forquilhas, ancinhos, do primeiro instrumento que topavam á mão, abalaram desordenadamente para atacar o fogo; e centenas de mu-

lheres tambem se puzeram a caminho, com cantaros de agua á cabeça para matar a sede aos homens, que devia ser insaciavel no meio da faina de baixo d'aquela torreira.

Na furia com que toda a gente se atirava ao fogo não havia visivelmente um plano de ataque, executado a uma voz imperiosa de comando; mas havia uma pericia e uma tática individuais, que davam ao conjunto dos esforços uma admiravel unidade de ação. Abrem-se aceiros, compridos e largos, machadando sem piedade belas arvores para atalhar a marcha galopante do fogo, que as devo-

raria, a elas e a muitas mais, sendo admiravel como essa gente se estendia n'uma linha rigorosa de combate, sem se estorvar uma á outra.

Já se sentia o bafão estiolante do fogo, o crepitar do ienho verde abarcado pelas labaredas, o rugir surdo da fornalha rolante, em que esses valentes se podiam vêr, de um momento para o outro e irremediavelmente, envolvidos; mas eles continuavam a manjar o machado, com o rosto afogueado, escorrendo em suor e arfando fortemente como os antigos ciclopes na forja abrazadora. Outros roçavam o mato e procuravam arredar o do caminho do fogo; estes deitavam pás de terra sobre a vegetação miuda para o abafar; aqueles abriam arrifes á enxada tentando atalhar-lhe a mar-



O fogo chega a atingir a margem esquerda da estrada de S. Pedro de Muel, ficando ainda uns pinheiros chamuscados na direita

bre a vegetação miuda para o abafar; aqueles abriam arrifes á enxada tentando atalhar-lhe a mar-

bre a vegetação miuda para o abafar; aqueles abriam arrifes á enxada tentando atalhar-lhe a mar-



Prevendo o caso do fogo, com a violencia, atravessar a estrada de S. Pedro, deitaram se ainda abaixo alguns pinheiros para evitar que as labaredas, alcançando-os, passassem para o outro lado



cha de todas as fórmãs possíveis. D'aqui, como que se despejavam chamas para ir o incendio muitos metros além, cercando

levar por vezes os homens com tal surpresa que difficilmente saiam illesos.

São tão rapidos esses saltos do fogo, tão caprichosas e vivas as voltas que eledá, que nem aos bichos que vivem acoitados na floresta lhes vale o instinto e a agilidade para escaparem. Raposas, coelhos, lebres, cobras, ouriços, techugos, parecem todos tomados de loucura, e, na sua fuga, esbarram nos homens, metem-se debaixo das enxadas e dos machados, caem carbonizados nos matagães ardentes! As proprias aves, como as rolas, — as pobresinhas! — nem se desenvencilham n'um vôo alto por entre os pinheiros espessos a tempo de se salvar.

Tambem se lhes encontram os restos nas cinzas do imenso brazeiro.

Mas a fase culminante da batalha é o contrafogo. Abre-se um aceiro largo. Lança-se lume, bem entendido, do lado onde lava o incendio.

Este novo fogo [vae ao encontro do outro. Avançam ambos velozes, rosnam coleiras tremendas, chocam-se com estranho estampido e ambos expiram n'uma ex-

plosão medonha, indo as ultimas linguas de fogo e rolos de fumo desfazer-se bem alto na atmosfera.



O mar de fogo salvou de um lado ao outro este aceiro e tambem os bastos marginaes com tão incrível rapidez que o pinheiro velho que se lhe vê no meio, lá longe, ficou sem a menor queimadura



Os ventos asperos da nossa costa são uns inimigos inclementes dos pinheiros; mas estes resistem-lhes ora curvando ora erguendo a cabeça, estorcendo-se na luta e coleando-se como enormes cobras, attingido pelo solo adiante quasi o comprimento que attingem erguendo-se nos ares.

(Clíches de Floreano).

que é facto é que eie pôz-se, todo enlevado, a entoar ao som da lyra um hino ao celebre incendio de Troia!

Floreano.

Segue-se então brusco um silencio de morte. Se o mar encrespado, bramindo furioso, se estagnasse de subito n'um lago dormente, não nos choraria mais brutal impressão de contraste. Até o vento se acalmou. A forte exclamação de victoria, de alivio, que saiu unisona de tantas bocas, succedeu o arfar surdo do canção e o sorvo ancioso de muitos cantaros de agua, atirando-se toda essa gente, extenuadissima, para o chão, onde não andara o lume, e contentemplando com os olhos embaciados de lagrimas tão hediondo quadro de devastação.

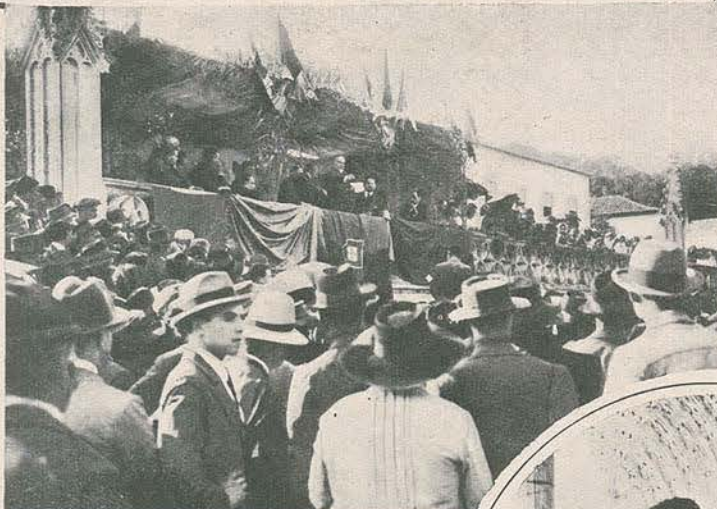
E o que iria talvez, a essa hora, de remorso no espirito dos barbaros incendiarios, ao contemplarem, sabe Deus d'onde, os horrorosos efeitos da sua obra nefasta? D'ahi..

Ou Nero mandasse deitar, ou não, fogo a Roma para deliciar a sua alma negra com os horrores de tão estranho espectáculo; o

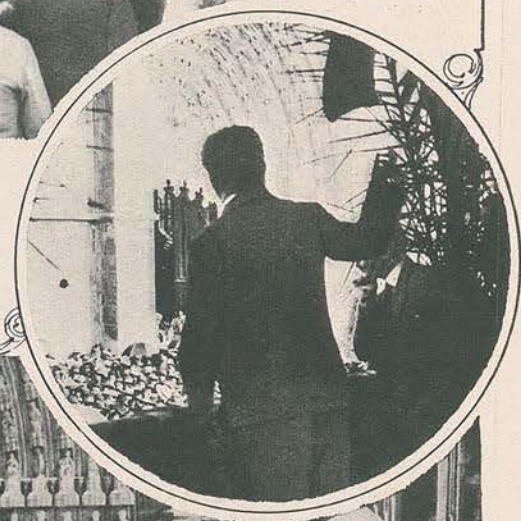


## PROPAGANDA PATRIOTICA

O governo teve a felicissima idéa de falar ao povo sobre a nossa entrada na guerra e as obrigações que por isso contraímos. São lições de grande valor doutrinário, sob a forma de comícios. A primeira deu-se à sombra magestosa do monumento da Batalha. Não podia haver logar mais apropriado para nos inspirarmos na grandeza d'aquelles de quem descendemos cujo exemplo basta seguirmos para que saíamos triunfantes d'esta medonha subversão internacional, como saímos do conflito que a Batalha nos recorda. Falaram os srs. Norton de Matos, Manuel Maria Coelho, Azevedo Coutinho, dr. Estevão de Vasconcelos, dr. Afonso Costa, dr. Alexandre Braga, Simões Raposo, e, por fim, o sr. dr. Antonio José d'Almeida, sendo todos os oradores



vivamente aplaudidos e levando á assistência, constituida na sua grande maioria por gente do campo, a mais salutar impressão de tão calorosos ensinamentos.



**No comício da Batalha.**—1. A tribuna onde falaram os oradores, no momento do discurso do sr. dr. Antonio José d'Almeida que tem a seu lado o sr. dr. Afonso Costa.—2. O sr. dr. Afonso Costa discursando.—3. Em frente da entrada principal do convento da Batalha, o povo assiste ao comício.





Depois do comício os oradores, acompanhados da banda de musica, estandarte e do povo que assistiu, entram no convento para o visitar.



A chegada dos automovels conduzindo os membros do governo, autoridades, oradores, representantes da imprensa e convidados chegando à Batalha.

(Clichés Benollel).

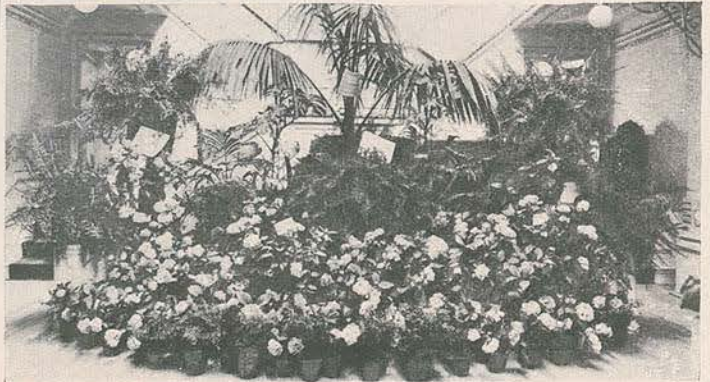




Uma meza com begonias tuberosas, dallas cactus, e fetos, expostos pelo amator sr. Augusto Pinto Chalm Junior

**O Porto e as flôres**

A cultura dos frutos e das flôres está imprimindo á actividade portuense uma nota encantadora a par do grande raxo de riqueza publica que ela representa. Lisboa inteira nunca perderá as gratas recordações da festa da flôr, promovida pelo *Seculo*, e para a qual os srs. Moreira da Silva & Filhos, do Porto, fizeram expedir vagoes de flôres formosissimas dos seus grandes viveiros, sendo tambem os seus magnificos frutos conhecidos por todo o paiz. E na capital do nor-



Um grupo de glydrangeas e fetos ornamentaes, expostos pelo horticultor sr. Firmino Ferreira Monteiro



**Cardo as Charlot em Lisboa**

Este conhecido excentrico comico inglez, tão conhecido já entre nós pelas fitas animatograficas em que figura para enorme gaudio das plateias, correspondeu cabalmente á ansiedade com que era esperado em

Lisboa. O teatro «Republica» onde ele se exhibiu com a sua *troupe* teve enchentes successivas, pois que a esse engraçado intervalo se juntavam os dois atos sempre renovados de quadros espirituosos da bela revista-fantasia *Castelos no ar*.



3. O distinto ator comico Cardo as Charlot — 4 e 5. Aspectos da chegada a Lisboa do ator Cardo as Charlot (Clichés Benoliel)



**PÕ  
DE ABYSSINIA**

# EXIBARD

*Sem Opio nem Morphina.*  
Muito eficaz contra a

# ASTHMA

Catarrho — Oppressão  
e todas affecções espasmódicas  
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exito. Medalhas Ouros e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>as</sup>  
6, Rue Dombasle, 6  
PARIS

E BOAS PHARMACIAS

**REMINGTON UMC** **MUNICÃO CALIBRE.22.**

Deseja Va. Sa. obter exactidão, fôgo certo, e penetração da sua munição de pequeno calibre assim como dos cartuchos para caça grossa.

Então devem exigir os cartuchos REMINGTON-UMC que veem na caixa com marca bolla Vermelha. Estes são os que dão esse resultado.

Acham-se á venda nas principaes casas d' este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company  
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:  
No Sul do Brazil  
**LEE & VILLELA**  
Caixa Postal 420, São Paulo. Caixa Postal 183, Rio de Janeiro  
No Territorio do Amazonas  
**OTTO KUHLEN**  
Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portugal: G. Heltor Correia, L. do Carmo, 3—Lisboa

**BREVEMENTE**

## Almanaque Ilustrado d'O SECULO PARA 1917

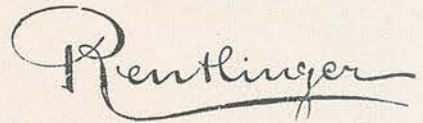
**BREVEMENTE**

### Rio de Janeiro

A Empresa d'O SECULO faz publico que transferiu a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada firma **José Martins & Irmão, R. do Carmo, 59, 1.º**, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos de fornecimento avulso ou para revenda, de exemplares do

**Seculo**  
Ilustração Portuguesa  
Suplemento de Modas & Bordados  
e Seculo Comico

**FOTOGRAFIA**



A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre**

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

# OFICINAS DA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



*Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcedivel perfeição.*

**TRABALHOS DE**

**Zincogravura, Fotogravura, Setereotipia,**

**Composição e Impressão**

**Zincogravura e Fotogravura** em zinco simples de 1.ª qualidade cobreado ou nikelado. **Em cobre, a côres**, pelo mais recente processo—o de tricromia. **Para jornaes**, com tramas especiaes para este genero de trabalhos. **Setereotipia** de toda a especie de composição. **Impressão e Composição** de todos o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. **Impressão a ouro, prata, relevo**, etc., etc.

**RUA DO SECULO, 43—Lisboa**



# AGUA DO ALARDO



MARCA REGISTRADA

A AGUA DO ALARDO é fria, hyposalina, bicarbonatada sodica, chloretada sodica, sulfatada calcica e magnesica, siliciosa. Contém elementos raros: lithio, arsenio, fluor, boro, etc. — Charles Lepierre.

Pertence a AGUA DO ALARDO ao grupo, *rarisimo em Portugal e lá fóra*, das aguas de diurese. — Charles Lepierre.

Da analyse bacteriologica conclue-se que a AGUA DO ALARDO é purissima e *isenta* de contaminação por microbios suspeitos ou pathogenos. — Charles Lepierre.

A AGUA DO ALARDO póde comparar-se com excellentes aguas estrangeiras, quer como agua de meza purissima, quer como agua minero-medicinal diuretica e hypotonica. — Charles Lepierre.

Em Portugal não conheço agua tão pouco mineralizada e com composição semelhante á do ALARDO. A *única* que se lhe aproxima é a Agua do Luzo, *mas a Agua do Alardo* tem composição diferente e é ainda menos mineralizada. — Char.es Lepierre.

## Conclusões gerzes do relatório que precede as analyses chimica e bacteriologica da AGUA DO ALARDO

- 1.<sup>a</sup> — **Sob o ponto de vista chimico:** A AGUA DO ALARDO é fria, hyposalina, bicarbonatada sodica, sulfatada coleica e magnesica, chloretada sodica, silicatada. Contém elementos raros (lithio, fluor, boro, manganes, etc.). Pela sua fraquissima mineralização (26 milligr. por litro) a AGUA DO ALARDO é o typo perfeito das *aguas de diurése*. É muito hypotonica. Constitue tambem uma excellente *agua de meza* purissima e muito digestiva.
- 2.<sup>a</sup> — **Sob o ponto de vista Radio-actividade:** A AGUA DO ALARDO é muito *Radio-activa* sendo a sua actividade devida a emanção do Radio.
- 3.<sup>a</sup> — **Sob o ponto de vista bacteriologico:** É *agua purissima*.  
Lisboa, 4 de Agosto de 1916.

**Charles Lepierre**

Engenheiro, professor do Instituto Superior Technico, antigo chefe do Laboratorio de Microbiologia da Universidade de Coimbra, socio da Academia das Ciencias de Lisboa e da Academia de Ciencias de Portugal, socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, etc.

SEDE E DEPOSITO:

RUA ALVES CORREIA, 233 e 237 — Lisboa

**TITTEL, MACIEIRA & C.<sup>a</sup>**

Telefone 1138 Norte

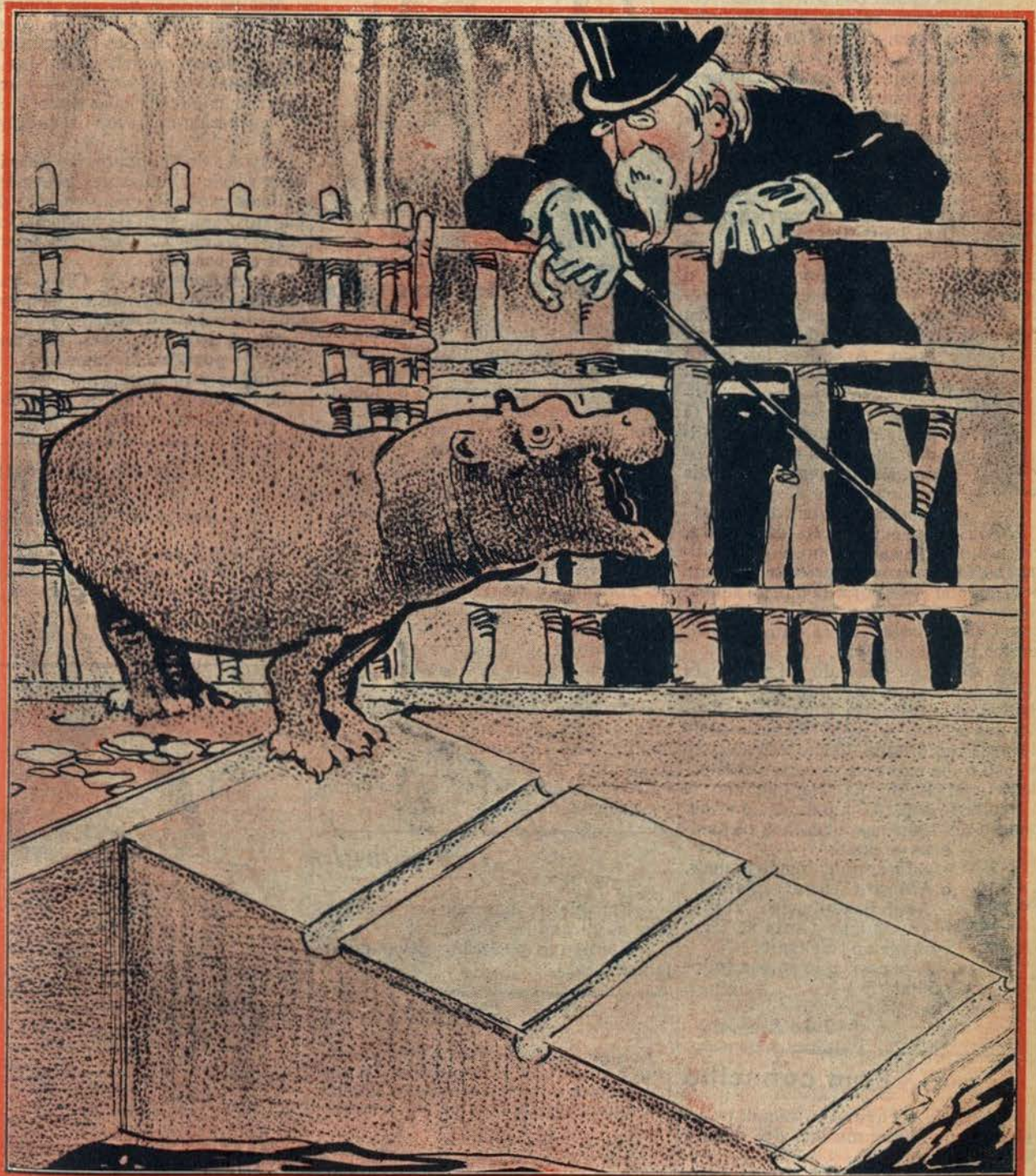




EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS - RUA DO SEculo, 43 - LISBOA

## NO JARDIM ZOOLOGICO



—Imagine o sr. dr. que mal tinham passado alguns dias sobre a minha entrada  
 triunfal na jaula, desataram a apedrejar-me, a espancar-me...  
 —A quem o diz, meu amigo, a quem o diz...



## PALESTRA AMENA

## Gente despreocupada

Se a uma criatura que ignorasse absolutamente o que no atual momento vai por este mundo de Cristo, dissessem de sopetão: Este paiz, Portugal, está em guerra com uma das mais poderosas nações e, além d'isso atravessa uma crise que vai do sterlino das bolsas ao carvão e ás bolas dos fogareiros, aquêle a quem tal dissessem sorriria, encolheria os hombros e responderia: Outro engulirá essa; eu, não.

E sobejariam razões ao homem para assim falar.

Eu não conheço gente tão despreocupada como a nossa. Os francezes, talvez. Mas não, não são tanto. Eles são realmente despreocupados, pessoas que encaram o perigo a sorrir e cujo bom humor, mesmo nas grandes crises, é inalteravel. Mas são previdentes. Pensam na vida. Deitam con'as á vida.

O francez é, sempre, economico. E' mesmo forreta. Sempre. Mas, n'este momento, a sua economia é ferocissima. Ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Foi a sua previdencia, a sua economia que em 70 salvou a França, que Bismark pretendia esmagar sob o peso de uma indemnisação assombrosa. A França mostrou então que tinha sido sempre, que era então, um paiz de juizo. A indemnisação foi paga com a fortuna dos francezes. Não foi preciso recorrer á algebeira alheia. O pé de meia dos mais humildes despejou-se sobre o montão de ouro dos mais opulentos!

Grande, admiravel paiz!  
Nós... Nós, em estado de guerra, vivendo não se sabe como, com a alimentação e outros generos de absoluta necessidade pela hora da morte, rimos, folgamos, passeamos, vamos ao teatro, aos touros, jantamos fóra—atiramos dinheiro pela janela fóra.

No domingo passado fui a Cascaes visitar um amigo. Encontrei no hotel Bristol, onde almoccei, um tragalhadanças das minhas relações fazendo uma despeza importante. Como estranhasse o caso e lhe exprobasse o caso com palavras amigas, dizendo-lhe que não ia o tempo propicio a pagodes e a dispendio de dinheiros, encolheu os hombros e disse:

—Ora, quando não houver, o Afonso Costa arranja.  
Aqui fica o aviso. Veja lá o sr. Afonso Costa se faz a vontade ao meliante.  
E pensar que somos todos assim!

João Ripanso.

## Bom conselho

—Olha lá, ó Fagundes, como poderia corrigir minha mulher do defeito de exagerar tudo?

—E' simples. Obriga-a a dizer a sua idade a toda a gente.

## O feminismo

N'uma associação de classe, uma feminista, feia como os sete pecados mortaes, faz uma conferencia. E a certa altura exclama:

—Dizei-me, senhores, onde estaria o homem sem a mulher?

—No Paraíso, respondeu uma voz... autorisada.

## MAIS UMA!



Um sujeito que se attra ao Tejo é salvo por um catraeiro.

O' homem, que ta você fazer! Olhe que me deve a vida!

—Meu Deus, mais uma divida!

## Falta de metais

As ultimas noticias da Austria são desoladoras para os nossos simpaticos inimigos; ha indicios seguros de que estão na ultima, a respeito de metais, e, por consequencia, de munições.

Imaginem: foi arrancado o teto de cobre da igreja de S. Miguel, em Vienna; foram requisitadas todas as chaves dos imperios centrais, vendo-se alemães e austriacos obrigados a abrir portas e gavetas por meio de chaves de pau; os sinos foram substituidos por campanulas de vidro; os pregos, por cavilhas de madeira; e até o mercurio dos termometros foi requisitado para, solidificado pelo resfriamento, servir de balas, de modo que atualmente na Alemanha e na Austria não se sabe quando faz calor nem quando faz frio!

Felizmente estamos muito longe de esse estado, e quando mesmo aqui se manifestasse a crise da falta de metais, o Aquiles Machado, da Politecnica, e outros benemeritos forneceriam chumbo a menos de real!

## Um cumulo

—Em que se parecem as creanças com as piramides do Egipto?

—Em não as podermos levar a parte nenhuma.

## Suicidio

Antonio Cabreira, muito incomodado com a bisca que o ministerio da instrução largou ha dias á sua Academia, diz a um amigo, com ar de desespero:

—Vou suicidar-me!

—Que me dizes, homem!

—Sim, vou. Vou deixar Portugal e o estrangeiro!

## Entre amigos

—Diz-me, Pancrácio, se eu te pedisse dez tostões o que sucederia?

—Nada, meu amigo; juro-te que não suocedia nada!

## Condecorações

Pede-se por cá o estabelecimento de condecorações, que pelos modos, se reconheceu que são muito necessarias. Trata-se, naturalmente, d'uma proteção á industria e ao comercio e por isso não é da nossa parte que apparecerão atritos; reconhecemos que as ourivesarias estão em crise e que o dever dos governos é acudir a todas as necessidades.

Mas permita-se nos que reprovemos o restabelecimento, que muito lembra transigencia com os principios da desigualdade social, uma das bases da monarquia. Porque não se hão-de criar condecorações novas?

Ocorreram-nos as seguintes ordens:

1.<sup>a</sup>—A do Hipopotamo, para premiar serviços relevantes prestados aos animais exóticos, como criação de papagaios, educação de macacos, etc.

2.<sup>a</sup>—A dos Cabreiraceos, para sabios e inventores.

3.<sup>a</sup>—A Borboleta de Oiro, para as meninas que cultivam os sentimentos amorosos dos forasteiros.

4.<sup>a</sup>—A do Boato, para os conspirativos da porta da Havaneza.

Isto, para principiar.  
Se nos lembrarmos de mais, comunicaremos superiormente.

## Entre colegas...

—Cá por fóra? Já saiste do Limoeiro?

—E' o que vês.

—E que pensas fazer agora?

—Vou abrir um armazem de viveres.

—Tens socio?

—Não. Tenho uma gazua.

## PAE AFLITO



—O' Carlos, acode, que a nossa filha enguliu o teu alfinete de gravata.

—Vai depressa chamar um medico, que eu tenho de pôr o alfinete logo á noite.



## CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

## O corpo humano — As mãos

Falei da cabeça, na minha ultima conferencia, e creio que os meus queridos ouvintes ficaram devidamente esclarecidos. Hoje tomarei como tema «As mãos», esses dois apêndices que já devem ter notado nas extremidades dos braços, incluindo n'esta denominação os ante-braços. As mãos, em quasi toda a gente são duas, podendo tambem ser uma, ou mesmo nenhuma, se a pessoa é maneta.

São duas, pois, em geral, dividindo-se em *direita e esquerda*, facilimas de conhecer, pois que a direita é a que se encontra no corpo do lado oposto ao esquerdo, e a esquerda, a que está do lado oposto ao direito. Das duas, a mais importante é a direita, tambem conhecida por «irmã da canhota», com a qual tem efetivamente muita semelhança; possui, como aquella, cinco dedos, mas dispostos ao contrario; os da mão direita são, contando da direita para a esquerda, se a mão tem as costas para a frente, meiminho, seu visinho, pai de todos, fura bolos e mata piolhos; os da esquerda teem os mesmos nomes, mas é preciso citá-los da esquerda para a direita.

A importancia da mão direita provém de que, a não sermos canhotos, é muito mais habil do que a esquerda. Com ela se praticam verdadeiras maravilhas, desde tenra idade; é com o fura bolos d'esta mão que se explora o interior do nariz, é com ela que dizemos adeus ás pessoas do nosso conhecimento, com ela que se aperta a mão do proximo, é na mão direita que tomamos a da noiva quando caímos na asneira de casar, é com ela fechada que fazemos gestos desagradaveis, etc.

As mãos, meninas e meninos, são pois dois órgãos preciosos, que devem conservar cuidadosamente. E' bom que as lavem de quando em quando, que cortem as unhas dos dedos, exceto as do mata piolhos e do fura bolos da direita, se tocam guitarra, que não cometam imoralidades com esta, emfim, que as considerem como um dom altamente respeitavel da natureza, visto que é a mão o que, principalmente, se beija ás senhoras, o anel da direita o que se beija aos bispos, é esta que abençoá—e por aqui me fico, para não os fatigar, não sem lhes dizer que á mesma natureza teem o dever de agradecer o trazerem as mãos pelo ar, quando muitas vezes—não me refiro ás pessoas presentes—as deviam trazer pelo chão. Tenho dito e espero os respetivos aplausos, atendendo a que um dos mais nobres empregos das mãos consiste em bater com elas uma na outra, quero dizer, em dar palmas.

*Bonaparte*  
(Aluno do liceu Camões).

## As boas amigas

—E' forçoso confessar que a Matilde é uma rapariga encantadora. Fala de tudo e com grande desembaraço.  
—Questão de atavismo. O avô d'ela era barbeiro...



## Alfredo Santos, do teatro «Republica»

E' tudo n'essa casa; sem o Alfredo  
O anafado visconde emagrecia;  
Dava o demo á cardada á companhia  
Mudava-se o teatro n'um penedo!

E' d'ele a chave, o magico segredo  
De dar a tantas coisas harmonia;  
Põe e dispõe com tal sabedoria  
Que é já bastante levantar um dedo.

E' ele quem, brilhando entre os atores,  
Deixou, não sei por que, a cena amiga,  
Onde nunca escudou senão louvores.

E' ele, emfim, que apanha a grande espiga  
De pagar os direitos aos autores  
—Graças a Deus, em boa hora o diga!

BELMIRO.

## TEATRADAS

## Carta do «Jerolmo»

Peras Ruivas, 30 de Agosto de 1916.

Sr. ridator

Cumo cabe cá istou in Peras Ruivas a beraniar d'ênes o perinsipio du mez i çou a dezerle ao fazer de esta ca minha é vôa grassas adeus i que istimo qestas duas regueras u vão incontrar de çau de in cumpanhia de quem mais istimar.

Canto á çua miciva in que me diz que b'ão agora arreperzintarse duas arrevistas i que le fasso falta para a apersiasão, çou a dezerle que apersio m'êmo cem ber i que cei munto ben cumo elas çou cumo ças bice. Ção as m'êmas que tanto bisto á dez anos para cá, a çaver: a abertura é um cuadro de fantasia paçado no reino du amôr, das abes, das istrelas, ou coisa açim, intrando arrespetivamente: u amôr materno, paterno, interno, isterno, farterno, m'uderno, etc; ó u papagaio, u reichinol, a cutovia, a andurinha, etc.; ó a urça, u ceto istrelo, a ingreja da Istrela, a ústula com cu boi mosca, etc. Nece reino aparesse um avisitante du pais da mandria, i tal cim çenhor, i vai da in parte cum un avitante du dito reino a besitar u tal paiz qué Purtugal. Mutassão.

Sigundo cuadro: gavineto de adevugado, conçultorio de medeco, ajencia de cemilares. Este cuadro é sempre munto ingrassado, porque nelle o Naçimento Fernandes ó outro dão muntas cambalhotas. O's pois á um cuadro de rua i us ceguintes numeros de grande infeito: dueto du nabo i da cinoira, ó du pé i da meia, ó du bico i cabessa, ó da bouca i du nariz, ó, etc.; grupios para inzebir a ciencia endomintaria du sr. Castelo Beranco i as pernas das meninas coiristas, a çaber: as birtudes

tialugares, as banhistas, as çaias curtas, as lamparinas, etc. Aqui us cumpadres, Canastrão & cumpanhia, fazem cumintarios munto ingrassados, pur inzepllo, a perposito das birtudes:

— Bem te cunheço, Caridade! Dás tudo i oito testões!

Das çaias curtas:

— E' p'rós homes terem menos trabalho.

O's pois ceguemce oitros cuadros cum politega prá gradar a talaças i repuvlicanos, isto é, á jeral i ós frequetadores de lugares caros; chamase çu-ju ó sr. Brito Camaxo, inópotemo ó sr. Istevão de Bascunselos, maluco ó sr. Antonio Zé. I zás; atirace cum alguns berços partióticos de fazer termer a ferçura á parte cincivil da pelateia: u çol dal Jubarrota, Felipa de Bilhena, o recluta que vai prá guerra, etc. Tamem é neçario um ó outro trexo cintimental, cumo verço infrasia: a çoidade, a ismola, a larguima du muribundo, etc.

Nu fim á palmas i patiada, aquellas da quelaque du triatro, i esta da quelaque dos triatros rivais, inimigos dos ótores, um amigo a quem não deicharam intiar no inçaiio geral...

No dia ceguente certa imprença xama talentosos ós ótores, atores, musecos que cupiaram a museca, ó contra-regra, á atriz fulana que dá çorte ó críteco i bai dain a rebista bai duzentas vezes á sena.

Já bê, sr. ridator que num bale a penna çair de Peras Ruivas pra le dezer estas coisas. Até outubro, ce intão já óver que cumer in Lisboa, porque aqui ó menos tem a gente munto berde para ce ir çustentando.

Çoidades a quem pur mim pergontar deste ceu criado ca vida le deseja cem mais aquellas

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama  
de Peras Ruivas

Pff!

Informa um jornal que na alfandega foram despachadas quatro celhas de queijos.

Queijos em celhas?

Aqui está porque eles cheiram ao que cheiram.

Se calhar, são celhas de lavar os pés.

## Marques

Marques está escrevendo um romance cuja ação se passa na peninsula Iberica.

Ha dias, o nosso homem leu uns trechos da obra a uns amigos. D'elles destacamos o seguinte:

— Como se chama? perguntou o barão.

— Antonio, respondeu o joven em correto castelhano.

## CREADO NOVO

— Onde serviu você?

— Em casa de um astronomo.

— E porque saiu de lá?

— Porque o patrão era muito exquisito e passava o dia a fazer observações.





# A vitória do hipopotamo

(2.º Episodio da 9.ª parte do PÉ FATAL)



1.—Toma, para te adoçar a boca e fila um boche para conduto.



2.—A' força de 1-HPT á hora...



3.—De emboscada. (Hipopotamo escondido com o rabo de fóra).



4.—Vou mostrar ao komandante ke ser kapaz de kapturar um kamarada inimigo.



5.—Busca, que é caça grossa...



6.—E vae sentar-se, de atalala, sem se aperceber sobre a lombreira do bicho.



7. Como debaixo dos pés se levantam os hipopotamos,



8.—O Quilm afirma ao boche que vale bem a pena sustentá-los a pão de ló...